

O FESTIVAL VISTO DE FORA

Este foi o meu primeiro ano em Almada: tenho, portanto, impressões muito vivas sobre questões que vos podem parecer básicas, pois não sabia quase nada sobre o Festival, excepto o nome e o facto de ter uma longa história. Fiquei muito bem impressionado com a organização, que é bastante racional mas ao mesmo tempo tão próxima na relação com os espectadores e os jornalistas. Também fiquei impressionado com o facto de o Teatro ter uma oficina de construção de cenografia, e de ter também um restaurante, com uma ementa acessível e um menu de espectáculo. E de haver um Clube de Amigos que parece funcionar muito bem. O próprio teatro é um local agradável e ambas as salas têm uma boa relação entre o palco e a plateia. Outra surpresa foram as sociedades recreativas e filarmónicas de Almada, as raízes populares da cultura de Almada.

Seria uma omissão imperdoável não mencionar a sincera cordialidade de todo o pessoal do Festival e da Companhia de Teatro de Almada com quem tive contactos, mas também das pessoas comuns da cidade com quem tive ocasião de falar ou a quem pedi uma morada ou o que quer que fosse. Também achei excelente todo o protocolo preventivo face à pandemia, e a atitude com que tanto a organização como o público estão a lidar com ela. Quanto ao facto de o Presidente e de o Primeiro-ministro portugueses estarem ambos nos espectáculos inaugurais, pareceu-me um gesto decisivo num momento tão empenhado.

Javier Vallejo,

enviado especial do **El País**

MARIO PIROVANO, ACTOR DE JOHAN PADAN A LA DESCOBERTA DE LE AMERICHE

“Vai ser interessante ver como é que as pessoas vão rir com as máscaras! Acho que lhes vou pedir para rirem muito alto!”

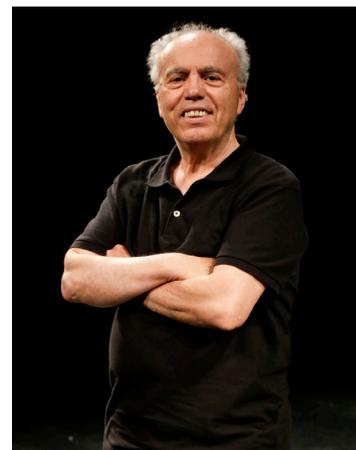
Mario Pirovano, actor virtuoso e discípulo de Dario Fo, traz a Almada um espectáculo de teatro que tem vindo a representar pelo Mundo todo desde 1998 (dele existindo também uma versão em inglês), e que considera um clássico “um texto eterno, que fala daquela que verdadeiramente foi a primeira grande guerra mundial, guerra pelo poder da Europa no Mundo e que fez muitas dezenas de milhões de mortos, um genocídio inenarrável, de que nenhum manual de História fala. Este espectáculo faz luz sobre essa História, põe as pessoas a rir (vai ser interessante ver como é que as pessoas vão rir com as máscaras! Acho que lhes vou pedir para rirem muito alto!) e ao mesmo tempo a pensar, e a tomar consciência de factos históricos desconhecidos. Um texto assim nunca perde actualidade, porque fala de coisas que têm os seus equivalentes no Mundo de hoje.”

“Esta peça nasceu por acidente, quando Dario Fo foi convidado a ir a Sevilha em 1991 para apresentar, pela primeira vez naquela parte de Espanha, o famoso espectáculo a solo *Mistero buffo*. Nós estávamos na conferência de imprensa, sentados na mesma mesa onde estavam também as autoridades locais, e lá fora estavam pessoas com cruzes a vaiar-nos e a dizer que

éramos hereges. E de repente, um dos governantes da cidade perguntou se gostaríamos de regressar no ano seguinte, para a Exposição Universal, para apresentar *Isabella, tre caravelle e un cacciaballe* [peça em dois actos sobre a Espanha católica fundamentalista do século XVI, escrita por Dario Fo em 1962, e que viria a gerar muita polémica].”

“Os jornalistas começaram a questionar Fo sobre essa peça, ele começou a responder, e fez-se um grande silêncio entre os jornalistas, porque nesses dias em Espanha aguardava-se uma resposta de Roma para canonizar essa antiga rainha católica de Espanha... o que Dario ignorava totalmente! Como o ambiente começasse a ficar pesado, o Dario disse que esse espectáculo era já uma velha história e que para a Exposição poderíamos trazer uma coisa nova, diferente, mais ligada à História de Itália e às gentes da segunda linha que tinham ido com Cristóvão Colombo para fugir aos problemas que tinham nos seus territórios naturais. E quando regressou a Itália, Dario começou a pesquisar em textos que tinham sido descobertos apenas em 1910.”

Nesses como noutros textos a que Fo lançou mão dormia uma História totalmente ocultada, que jamais integrou as narrati-



Mario Pirovano

vas oficiais, escrita pelas gentes anónimas, pelos não protagonistas, que testemunharam as coisas que os reis e os seus cronistas jamais grafaram. Nesse sentido, a personagem que Mario Pirovano interpreta representa todas essas gentes que não tiveram voz – uma personagem ficcional porém baseada em pessoas verdadeiras, que existiram, e de que falam esses relatos ainda hoje permanecidos esquecidos. Johan Padan é todas elas. Mario Pirovano também.

Johan Padan a la descoberta de le Americhe inicia hoje carreira no Festival de Almada no Salão de Festas da Incrível Almadense pelas 21h30, e está em cena até domingo 19 de Julho (récitas de sábado 18 e de domingo 19 são às 15h00). **S.A.**

Teatro que faz “ter prazer em debater e pensar”

Iniciámos a segunda semana de Colóquios na Esplanada com uma conversa sobre *Mártir*, espectáculo encenado por Rodrigo Francisco, director artístico do Festival. Moderado por Jorge Loureiro, o debate começou por centrar-se na preocupação em aproximar os textos da realidade dos espectadores e na importância de não perder o contacto com a comunidade em que estamos inseridos – algo que é sempre uma prioridade na programação do TMJB e do Festival. Explorou-se a pertinência de *Mártir*, que nos desperta para a forma como os jovens são abandonados a si próprios, num constante relegar de responsabilidades educativas (ora da família para a escola, ora da escola para a família). Em foco esteve também a forma como a peça expõe e questiona certas problemáticas, afastando-se de um carácter pedagógico pela ausência de respostas. Para o encenador, a pedagogia que podemos vincular ao texto de Marius von Mayenburg (aquela que também devíamos esperar do teatro) é a de levar o público a “ter prazer em debater e pensar”.

De certa forma, o testemunho de António Simão sobre a sua juventude reflecte este sistema de ensino desadequado (há demasiado tempo) às necessidades dos jovens. No colóquio de ontem, o encenador e intérprete de *Uma solidão demasiado ruidosa* (um monólogo construído a partir do romance de Bohumil Hrabal) partilhou que teve a sorte de, por acaso, o teatro ter entrado na sua vida aos 17 anos, para lhe trazer o que a escola não lhe proporcionava. Relembrámos a estreia do espectáculo em 1997, época em que António era um jovem actor cheio de energia, pouco “politicamente correcto”, que queria conquistar o seu lugar no Mundo. Apesar das mudanças que ocorreram ao longo dos anos, o encenador sublinhou que as ideias e a construção literária da obra continuam a ter a mesma carga – “o texto é o mesmo” e mantém a sua atemporalidade. Desde a importância da cenografia a reflexões sobre o contexto histórico, foi uma conversa pautada pela participação activa do público, que se reviu, de formas variadas, nesta peça. Luís

Soares, moderador do colóquio, desafiou o actor a comentar o jogo de opostos que ocorre no texto de Hrabal, sempre entre “o belo e o escatológico” – uma análise corroborada por António Simão ao esclarecer que, apesar do lado “barroco” da escrita de Hrabal, o texto consegue sempre emergir das dualidades que cria com “leveza e bondade, sem violência”.

Ana Sofia Pancada



Rodrigo Francisco e Jorge Loureiro



António Simão e Luís Soares

AGENDA DE AMANHÃ

COLÓQUIO

18:00

Conversa com Nuno Carinhas

Esplanada do foyer do Teatro Municipal Joaquim Benite

TEATRO

21:30

As artimanhas de Scapin

Fórum Romeu Correia

21:30

Mártir

Sala Experimental TMJB

21:30

Johan Padan a la descoberta de le Americhe

Incrível Almadense

21:30

Instruções para abolir o Natal

Academia Almadense

RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Bacalhau com crosta de broa e alheira
- Ervilhas com ovos escalfados

AMANHÃ

- Caril de salmão grelhado com arroz de coentros
- Roti de porco

No Festival, em segurança

Tem sido exemplar a atitude do público do Festival face às normas de segurança relativas à situação epidemiológica, e os órgãos de comunicação estrangeiros presentes em Almada têm-no referido. O distanciamento social à entrada para os espectáculos e uso de máscara nas

salas têm sido uma constante. Apelamos, no entanto, para que seja observado o mesmo cuidado à saída dos espectáculos. Mesmo no exterior dos teatros, lembramos que é necessário manter o distanciamento social de segurança para evitar aglomerados de espectadores. Bom Festival!



Espectadores na entrada do Teatro-Estúdio António Assunção, em Almada Velha

FICHA TÉCNICA

Direcção Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição) e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | **Tradução** Sarah Adamopoulos e Rodrigo Francisco | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo | **Apoio à produção editorial** Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

